A questão da aparência em dois contos de Machado de Assis[1]

Discente: Hanrle Rabelo[2]

Orientador: Prof. Dr. Douglas de Paula[3]

Resumo:

Este trabalho tem como objetivo analisar e explicar o tema da aparência em dois contos de Machado de Assis. O conto “Teoria do Medalhão” e “O Espelho” apresentam a figuração de personagens que, de algum modo, explicitam como a sociedade impõe uma visão ao outro, fazendo com que o indivíduo viva em torno de uma “segunda alma” como se fosse a alma verdadeira. Desse modo, utilizou-se para tal leitura alguns críticos literários, enfatizando como Machado consegue, em um universo fechado, construir personagens e temas que esboçam o viver pela aparência na sociedade. Foi necessário, assim, uma definição de conto para chegar a conclusões sobre o estilo e a estrutura do conto machadiano que conseguia criticar a sociedade do século XIX. Assim, utilizou-se Bosi (2006), Candido (2004), Miguel-Pereira (1994), Gotlib (1985), Cortázar (2006), Schwarz (2000), entre outros. Por fim, o trabalho pretendeu passar ao leitor uma visão de dois contos que abordam a aparência como tema central, abrindo uma série de reflexões a respeito da vida e do mundo, além de mostrar a importância do olhar do outro para fortalecer um ego oculto da alma humana.

Palavras-chave: Machado de Assis. Gênero conto. Teoria do Medalhão. O Espelho.

Abstract:

This work has as goal to analyze and explain the theme of appearance in two short stories by Machado de Assis. The short stories "Teoria do Medalhão" and "O Espelho" present the figuration of characters that, in some way, explain how society imposes a vision on the other, making the individual to live around a "second soul" as if it were the true soul. In this way, some literary critics were used for such reading, emphasizing as Machado get in a closed universe to construct characters and themes that outline the living for the appearance in the society. It was necessary, therefore, a definition of tale to arrive at conclusions about and the style and the structure of the machadiano tale that got criticize the society of century XIX. Thus, Bosi (2006), Candido (2004), Miguel-Pereira (1994), Gotlib (1985), Cortázar (2006) and Schwarz (2000) were used, among others. Finally, the work was intended to give the reader a vision of two tales that approach the appearance as central theme, opening a series of reflections about life and the world, and showing the importance of the other's gaze to strengthen a secret ego of human soul.

---

[1] Artigo científico apresentado à Banca Examinadora como requisito para obtenção de nota na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Letras do IEAA/UFAM e obtenção de grau de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e Língua Inglesa no semestre 2019/1.

[2] Acadêmico do curso de Letras do IEAA/UFAM.

[3] Orientador do Trabalho de Conclusão de Curso e Professor do Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente –IEAA/UFAM.

Key-words: Machado de Assis. Short Story genre. Teoria do Medalhão. O Espelho.

1. Introdução

O presente artigo pretende analisar aspectos estruturais e temáticos de dois contos de Machado de Assis. Trata-se de "Teoria do Medalhão" e "O Espelho", ambos publicados no livro *Papéis Avulsos* (1882). A partir de uma discussão inicial sobre o gênero conto e seus desdobramentos para a leitura dos textos literários de Machado, aponto a questão da aparência como algo fundamental para compreender os contos selecionados, bem como compreender parte da obra do grande escritor. Isso porque busco demonstrar a relação entre as aparências que predominavam no Brasil do final do Segundo Império e começo da República e a importância das aparências para os personagens machadianas, de modo ao autor construir ironicamente uma teoria de uma "segunda alma" que aparece de forma explícita em "O Espelho" e de forma implícita em "Teoria do Medalhão".

2. Machado de Assis contista

Machado de Assis, estando na transição do Romantismo para o Realismo, escreveu várias obras com alguns aspectos do idealismo romântico, assim alguns críticos do autor acreditavam que havia "dois Machados": um romântico e outro realista.

A ideia de haver um ou dois "Machados" pode ser encontrada nas teorias de críticos como Lúcia Miguel-Pereira ou José Veríssimo. Além disso, Lúcia Miguel-Pereira mostra um Machado de Assis que seria melhor contista do que romancista, pois o conto, por apresentar uma leitura aparentemente fácil, traz, na verdade, grande complexidade nas temáticas (MIGUEL-PEREIRA, 1994, p. 155). Ela destaca que o gênero é tão bem trabalhado pelo autor que torna Machado o contista com maior expressão da literatura brasileira.

Segundo a crítica, o gênero conto é a produção que elevou o estatuto de Machado de Assis, pois mostra uma regularidade na produção com qualidade literária (idem, p. 157). O escritor interessou-se por estudar a alma humana, espreitando os menores movimentos desta alma. Ele não se importava em explicitar os pensamentos, sentimentos e ações vividos pelos personagens, porque deixava que o leitor buscasse "desvendar" seu enredo. A ideia era tocar o leitor e instigá-lo a descobrir as nuances que estavam figuradas nas personagens, mas o leitor,

caso não soubesse ou fosse capaz de relacionar essas observações construídas pelo escritor, conforme ele dizia ironicamente, deveria “fechar o livro” (idem, p. 157).

Outra observação feita por Lúcia Miguel-Pereira a respeito do Machado contista é o método utilizado na construção dos contos. A narrativa curta proporciona reflexão e explicação de forma coesa e resistente; em outras palavras, o tipo de enunciação do narrador, a quantidade pequena de personagens e a condensação do espaço e do tempo permitem guardar segredos que o leitor, ao refletir sobre o enredo e as ações, descobre a temática e a crítica presente no texto. Quando ele produziu os contos, vários críticos perceberam que os problemas sociais eram retratados de forma indireta, muitas vezes os personagens figuravam um determinado problema que a sociedade vivia (CANDIDO, 2004, p. 06).

3. Definições do conto

Há certa discussão ao se falar de conto e romance, pois o primeiro é caracterizado pela estrutura curta, diferentemente do segundo, sendo longo e com diversas reviravoltas, personagens, espaços e ações.

O conto é considerado um gênero literário antigo devido à grande flexibilidade, comparado a crônica e poesia que são gêneros curtos, mas com diversas linhas de interpretações. O gênero literário conto foi estudado por críticos que buscaram ao longo de pesquisas explicar que este gênero possui seus ancestrais ou gêneses na parábola, anedota, lendas e ritos religiosos, conforme Nádia Gotlib:

> Aliás, sob o signo da convivência, a estória sempre reuniu pessoas que contam e que ouvem: em sociedades primitivas, sacerdotes e seus discípulos, para transmissão dos mitos e ritos da tribo; nos nossos tempos, em volta da mesa, à hora das refeições, pessoas trazem notícias, trocam ideias e contam casos. Ou perto do fogão de lenha, ou simplesmente perto do fogo. (GOTLIB, 2004, p. 05)

O conto tradicional, antigo, e suas variantes tinham o objetivo de moralizar. O conto moderno, não necessariamente, mas em Machado se verifica uma crítica social, o que pode ser entendido também como uma espécie de “moralização”.

O conto ao longo da história apresentou algumas mudanças, sobretudo, a parte técnica. O conto tradicional narrava a história de um ou dois personagens, com um herói e um vilão que mudava o sentido da narrativa. Além disso, havia vários obstáculos que faziam parte do enredo, pois, através deles, o herói se destacava para vencer esses obstáculos. O final do conto

tradicional é marcado pela resolução ou conquista do objetivo, quando o herói conquista o coração da amada, por exemplo. O conto moderno desfaz esse esquema linear conforme afirma Nádia Gotlib:

> O que caracteriza o conto é o seu movimento enquanto uma narrativa através dos tempos. O que houve na sua "história" foi uma mudança de técnica, não uma mudança de estrutura: o conto permanece, pois, com a mesma estrutura do conto antigo; o que muda é a sua técnica. Esta é a proposta, discutível, de A.L. Bader (1945), que se baseia na evolução do modo tradicional para o modo moderno de narrar. Segundo o modo tradicional, a ação e o conflito passam pelo desenvolvimento até o desfecho, com crise e resolução final. Segundo o modo moderno de narrar, a narrativa desmonta este esquema e fragmenta-se numa estrutura invertebrada. (GOTLIB, 2004, p. 17)

O esquema moderno de narrar baseia-se em apontar um fato social e através dele expor a crítica, nesse caso se diferencia do conto tradicional em que no final prevalecia uma certa moral para educar.

A brevidade é fundamental no conto e não no romance. De acordo com Nádia Gotlib: "O conto é uma forma breve. Esta afirmação, que aparece toda vez em que se tenta definir o conto, nos leva a um conhecido ditado: 'No conto não deve sobrar nada, assim como no romance não deve faltar nada'" (GOTLIB, 2004, p. 34). Além da brevidade, há outras características, como as citadas abaixo, conforme Nádia Gotlib:

> E também força, clareza e compactação. Assim, o texto deve ser claro – o leitor deve entender, de imediato, o que o autor quer dizer. Deve ser forte – e ter a capacidade de marcar o leitor, prendendo-lhe a atenção, não deixando que entre uma ação e outra se frouxe este laço de ligação. O excesso de detalhes desorienta o leitor, lançando-o em múltiplas direções. E deve ser compacto – deve haver condensação dos elementos. (GOTLIB, 2004, p. 24)

O poder de concisão e objetividade fazem parte do conto, pois, sendo um texto curto, o escrito necessita de clareza em seu desenvolvimento. Se houver mais descrição do que narração, o indivíduo pode se confundir e até desviar o foco da leitura para outros caminhos perdendo o sentido expresso no texto. Nesse caso, a condensação dos elementos é de total relevância na composição desse gênero literário.

Além disso, o conto é comparado à fotografia, pois uma foto tem o propósito de delimitar um determinado momento, nesse registro encontra-se um pequeno detalhe significativo, o qual desenrolará toda a temática, desse modo o escritor, nas entrelinhas do

conto, destaca da sociedade um acontecimento mínimo e expande para o leitor obter a noção universal de verdade a partir de um simples elemento intencional, conforme Júlio Cortázar:

> Necessidade de escolher e limitar uma imagem ou acontecimento que sejam significativos, que não só valham por si mesmos, mas também sejam capazes de atuar no espectador ou no leitor como uma espécie de abertura, de fermento que projete a inteligência e a sensibilidade em direção a algo que vai muito além do argumento visual ou literário contido na foto ou no conto. (CORTÁZAR, 2006, p.151-152)

O conto é um universo fechado, como uma esfera e na qual todos os elementos têm um significado, tudo se relaciona. E não depende do leitor, nessa concepção.

Há outro aspecto relevante que diferencia o romance do conto, que nos faz refletir sobre a sua concepção, segundo Nádia Gotlib:

> (…) [há uma diferença] conto e romance que não é só de extensão, mas de natureza: o conto tem uma unidade de impressão, que o romance obrigatoriamente não tem. E por que tal unidade ocorre? Por causa da singularidade dos elementos que compõem a narrativa do conto: o conto é o que tem unidade de tempo, de lugar e de ação. O conto é o que lida com um só elemento: personagem, acontecimento, emoção e situação. E o autor sustenta com tal rigor esta teoria, que marcou época na história da teoria do conto. (GOTLIB, 2004, p. 32)

O conto é uma narrativa breve que busca atingir o leitor de forma direta e levá-lo a compreender a temática e seu desfecho, além disso, há uma singularidade e condensação do tempo, espaço e lugar. Em termos gerais a narrativa condensa as ideias de forma clara e objetiva.

Sobre o tamanho do conto e sua extensão, Machado de Assis também já escreveu, como nos mostra Nádia Gotlib:

> Desconfio, sempre, de Machado de Assis. E da sua modéstia. Mas concordo com ele quando reconhece que: “O tamanho não é o que faz mal a este gênero de histórias; é naturalmente a sua qualidade”. E também quando reconhece, “em alguns casos”, a grande vantagem de os contos serem mais curtos... que os romances: “mas há sempre uma qualidade nos contos, que os torna superiores aos grandes romances, se uns e outros são medíocres: é serem curtos”. (GOTLIB, 2004, p. 35)

O escritor Machado de Assis prioriza a qualidade do conto, porque devido ao tamanho há nele algo especial que o diferencia de outros gêneros, sobretudo, do romance. Ironicamente, o escritor até os acha melhores quando são medíocres, justamente por serem menores.

A realidade do conto não é necessariamente a realidade do mundo social. A realidade que é narrada no conto para alguns é abstrata, real ou a fusão das duas, conforme Nádia Gotlib:

> Proximidade ou afastamento do real. Há textos que têm intenção de registrar com mais fidelidade a realidade nossa. Mas a questão não é tão simples assim. Trata-se de registrar qual realidade nossa? A nossa cotidiana, do dia-a-dia? Ou a nossa fantasiada? Ou ainda: a realidade contada literariamente. (GOTLIB, 2004, p. 08)

O que Gotlib fala é sobre haver maior ou menor relação do texto com a realidade, com o mundo real. Alguns textos se aproximam mais da realidade do que outros. Mas, sejam os que buscam ser mais "realistas" ou não, trata-se sempre de uma "realidade literária", inventada, portanto, ficcional.

O conto proporciona a abertura para a realidade, esta que por sua vez é muito além da simples história, de acordo com Cortázar verificamos que "o bom contista é aquele cuja escolha possibilita essa fabulosa abertura do pequeno para o grande, do individual e circunscrito para a essência mesma da condição humana" (CORTÁZAR, 2006, p. 155). A aplicação dessa abertura é visível em todos os contos de Machado de Assis, por exemplo, o conto *Caso da Vara* aborda um tema principal, embora tenha outros que são importantes, mas o tema do egoísmo é visto na obra e ganha destaque, mostrando que o escritor, diante de todos os problemas sociais da época, sobretudo, a escravidão, procurou revelar ao leitor em forma de crítica o egoísmo que era praticado pelos indivíduos, figurados ou representados pelo personagem Damião.

Em outras palavras, Machado fotografou e expandiu para o leitor o problema mais evidente da natureza humana, o pensar nos próprios interesses pessoais e se possível sacrificar outros por interesses próprio.

> O excepcional reside numa qualidade parecida à do imã; um bom tema atrai todo um sistema de relações conexas, coagula no autor, e mais tarde no leitor, uma imensa quantidade de noções, entrevisões, sentimentos e até idéias que lhe flutuavam virtualmente na memória e na sensibilidade; um bom tema é como um sol, um astro em torno do qual gira um sistema planetário de que muitas vezes não se tinha consciência até que o contista, astrônomo de palavras, nos revela sua existência. (CORTÁZAR, 2006, p. 154)

Cortázar fala de uma "arquitetura" da narrativa. O bom conto, o conto excepcional traz consigo um universo de imagens, sentimentos, reflexões que coerentemente se reforçam, se atraem mutuamente.

3.1 Sequestro e Unidade de efeito

O elemento significativo no conto de Machado é o sequestro do leitor. O efeito de tensão em que o leitor é direcionado a todos os fatos e/ou ações conjuntas do enredo com o propósito de levá-lo à intenção final, no conto *A Cartomante* há o clima de tensão quando ocorre o clima de adultério e que há toda a reviravolta na estória, conforme Nádia Gotlib:

> E este é também o segredo do conto, que promove o sequestro do leitor, prendendo-o num efeito que lhe permite a visão em conjunto da obra, desde que todos os elementos do conto são incorporados, tendo em vista a construção deste efeito (Poe); neste sequestro temporário, existe toda uma força de tensão, num sistema de relações entre elementos do conto e em que cada detalhe é significativo (Cortázar). O conto centra-se num conflito dramático, em que cada gesto e olhar são até mesmo teatralmente utilizados pelo narrador (E. Bowen). (GOTLIB, 2004, p. 43)

O narrador utiliza de todos os elementos para chamar a atenção do leitor, o sentido do rapto aqui, compreende-se como transportar o leitor a outro universo, o literário. Ele tem que ser atento a tudo que ocorre nessa realidade possivelmente abstrata, mas tudo tem um significado implícito que cabe ao leitor compreender e examinar.

Todos os elementos criam uma unidade de efeito: "Porque são assim construídos, tendem a causar uma unidade de efeito, a flagrar momentos especiais da vida, favorecendo a simetria no uso do repertório dos seus materiais de composição" (GOTLIB, 2004, p. 45). A noção de foto é retomada, ao afirmar o flagrante de momentos especiais que revelam quase sempre um detalhe significativo.

4. Dois contos de Machado: O espelho e a Teoria do Medalhão

4.1. Elementos de aparência

Machado de Assis escreveu um total de 218 contos, mas apenas 76 se tornaram livros. Havia dois jornais, *Gazeta de Notícias* e *Jornal das Famílias.* O conto *Teoria do Medalhão* foi publicado no primeiro canal que era um jornal liberal, o conto teve o propósito de desmascarar a elite e *O Espelho* foi publicado no segundo canal, que tinha características conservadoras e valorização da classe dominante (RIBEIRO, 2008, p. 04-10). Daí o caráter mais irônico do primeiro e mais enigmático e "filosófico" do segundo.

Alguns críticos citados anteriormente analisam a ideia do enigma presente nos contos de Machado de Assis e explicam que a técnica do escritor em fotografar um aspecto da realidade e expandir para o universal ou geral é algo relevante. Desse modo, o pequeno fragmento retirado da sociedade e utilizado de forma ironizada e expandida para os leitores é notável no conto "Teoria do Medalhão" e em "O Espelho". Há diversos temas que são ironizados em ambos os contos, embora a temática da "aparência social" seja praticamente a mesma.

O conto "Teoria do Medalhão" traz no enredo um diálogo entre pai e filho. O filho comemora 21 anos. Na conversa, o pai busca dar conselhos de como obter sucesso na vida, de como ser um "medalhão". Medalhão é o símbolo da fama e da riqueza.

O conto "O Espelho" tem características parecidas com o anterior, sobretudo, a temática da aparência. Neste conto, há quatro personagens que estão discutindo assuntos de metafísica que envolvem a alma humana, mas o quinto personagem não se posiciona contra ou a favor, apenas ouve a discussão. Este é Jacobina, um homem de 45 anos, que num determinado momento resolve participar da conversa com uma condição: não haver interrupções por parte dos amigos, pois ele contaria um relato pessoal que ocorrera aos 25 anos de idade.

O tempo em ambos os contos é linear, pois há diálogos que se desenvolvem até o fim da narrativa. No conto "O Espelho", a história é interrompida para contar outra história, que ocorre também linearmente, cronologicamente. Talvez a presença rápida do tempo psicológico ocorra apenas quando o personagem fica se contemplando no espelho e perde a noção do tempo. O narrador aparece, mas dá lugar ao discurso direto.

A maioria dos personagens de Machado faz uma representação dos vícios da sociedade, o escritor utiliza de técnicas que fazem o leitor analisar por uma determinada ótica as ações do personagem. Além disso, ele emprega figuras humanas com características de respeito e boas maneiras, mas por trás guardam um lado sombrio e até negativo, conforme Antonio Candido:

> [...] funcionava um escritor poderoso e atormentado, que recobria os seus livros com a cutícula do respeito humano e das boas maneiras para poder, debaixo dela, desmascarar, investigar, experimentar, descobrir o mundo da alma, rir da sociedade, expor algumas das componentes mais esquisitas da personalidade. (CANDIDO, 2004, p. 18)

O tormento no conto de Machado era a própria capacidade de análise profunda da sociedade. Além disso, ele buscava desmascarar a sociedade através da ironia, isto é, ele utiliza personagens com aparências boas e que seguem padrões sociais para lançar a crítica.

Como é possível ver a crítica ironizada no personagem Alferes da Guarda Nacional do conto "O Espelho"; um indivíduo que carrega consigo o símbolo da pátria. Mas a atitude e

caráter estavam moldados pelos padrões sociais já existentes. Na verdade, o escritor analisa a "segunda alma" do indivíduo e busca representar a modificação de suas atitudes e personalidades para viver de acordo com a ideologia dominante.

O que fazia Machado diferente era a capacidade de filtrar a essência dos temas no contexto social, pois através de um fragmento ele conseguia expor sua crítica que era adequada ao período do Segundo Império e Primeira República.

Além disso, ele conseguia transformar um pequeno fragmento da realidade em uma crítica geral da sociedade da época. Em outras palavras, todo o país estava vivendo as características do tema abordado, por exemplo, a questão da "aparência social" que, no século de XIX, era algo bastante recorrente já que o Brasil tinha a Europa como modelo econômico e social e buscava imitá-la. Desse modo, Machado através desses fragmentos da realidade social aponta para a questões mais gerais.

A noção de bem e mal, justo e injusto está ligada a uma realidade que para Machado é fantasiada, pois na verdade os contos são exemplificações de como ele mostra a importância das aparências e da opinião dos outros, conforme Antonio Candido:

> Surge então a pergunta: se a fantasia funciona como realidade; se não conseguimos agir senão mutilando o nosso eu; se o que há de mais profundo em nós é o fim de contas a opinião dos outros; se estamos condenados a não atingir o que nos parece realmente valioso, qual a diferença entre o bem e o mal, justo e o injusto, o certo e o errado? (CANDIDO, 2004, p. 27)

A fantasia em torno da realidade mutila o próprio eu, que passa a existir a partir da opinião do outro. Na verdade, o que realmente é valorizado na vida é apenas a forma pela qual as pessoas buscam agradar aos outros.

O romance "Memórias Póstumas de Brás Cubas" ilustra essa pergunta da mutilação do eu, pois é um morto narrando a própria história. No romance, Brás Cubas tenta entrar na política, mas fracassa como em tudo o mais que ele faz na vida. Ele não ganha fama e reconhecimento social. Ele é só um homem rico, "curtindo" a vida.

De outro modo, o crítico Antonio Candido analisa alguns pontos do conto "O Espelho", sobretudo, a segunda alma tão bem trabalhada por Machado de Assis, conforme o crítico:

> Um moço, nomeado Alferes da Guarda Nacional (a tropa de reserva que no Brasil imperial se tornou bem cedo um simples pretexto para dar postos e fardas vistosas a pessoas de certa posição), [...] De tal modo que este traço social acaba sendo uma *segunda alma*, indispensável para a integridade psicológica do personagem. [...] quer dizer que a integridade pessoal estava sobretudo na opinião e manifestações dos outros; na sociedade que o uniforme

> representa e naquela parte do ser que é projeção na e da sociedade. (CANDIDO, 2004, p, 24)

A ideia da "segunda alma" é a representação de uma sociedade que, no século XIX, valorizava as aparências. Por exemplo, o personagem Alferes que não tinha valor se a farda estivesse ausente, uma vez que a integridade pessoal estava contida na opinião do outro.

Por outro lado, isso pode representar a própria ideologia liberal vinda de outros países e que era importada no Brasil mais como "aparência" do que como prática das relações econômicas e sociais. Conforme Robert Schwarz:

> Impugnada a todo instante pela escravidão a ideologia liberal, que era a das jovens nações emancipadas da América, descarrilhava. Seria fácil deduzir o sistema de seus contrassensos todos verdadeiros, muitos dos quais agitaram a consciência teórica e moral de nosso século XIX. (SCHWARZ, 2000, p. 15)

A discussão apontada pelo crítico é que o indivíduo mediante essa ideologia liberal precisa de forma autônoma adquirir e alcançar seus objetivos por méritos e capacidade própria, o que não ocorria com a classe dominante do Brasil no século XIX, pois importava tudo da Europa e, além disso, vivia sobre a dependência da mão de obra escrava, o que se opunha à ideologia liberal de que os homens são livres, de que todos participam do mercado com suas habilidades, etc.

A classe dominante brasileira vivia de uma aparência: importar ideias e modas estrangeiras ditas modernas enquanto mantinha um regime econômico dos mais atrasados, o escravocrata.

O Brasil imperial importava tudo da Europa, pois o país ainda não possuía uma estrutura econômica estabilizada e independente, conforme Robert Schwarz:

> A transformação atendia à mudança dos costumes, que incluíam agora o uso de objetos mais refinados, de cristais, louças e porcelanas, e formas de comportamento cerimonial, como maneiras formais de servir à mesa. Ao mesmo tempo conferia ao conjunto, que procurava reproduzir a vida das residências europeias, uma aparência de veracidade. Desse modo, os estratos sociais que mais benefícios tiravam de um sistema econômico baseado na escravidão e destinado exclusivamente à produção agrícola procuravam criar, para seu uso, artificialmente, ambientes com características urbanas e europeias, cuja operação exigia o afastamento dos escravos e onde tudo ou quase tudo era produto de importação. (SCHWARZ, 2000, p. 23)

O modelo cerimonial que fazia parte dos novos costumes, imitando uma "minieuropa" exigia parâmetros sociais refinados, nesse caso, o país possuía apenas mão de obra escrava o

que o diferenciava dos demais países desenvolvidos. Esta realidade mostra como o país vivia de aparência exterior: importava objetos refinados, mas se apoiava ainda na mão de obra escrava.

Desse modo, os contos “Teoria do Medalhão” e “O Espelho” abordam críticas à classe dominante do século XIX, que buscava viver um capitalismo falso, conforme Robert Schwarz:

> Em resumo, as ideias liberais não se podiam praticar, sendo ao mesmo tempo indescartáveis. Foram postas numa constelação especial, uma constelação prática, a qual formou sistema e não deixaria de afetá-las. Por isso, pouco ajuda insistir na sua clara falsidade. Mais interessante é acompanhar-lhes o movimento, de que ela, a falsidade, é parte verdadeira. (SCHWARZ, 2000, p. 26)

A ideia liberal não podia ser praticada, porque a sociedade não tinha uma estrutura econômica para sustentar um capitalismo no Brasil, nesse caso os “burgueses brasileiros” eram um embuste, eram uma falsidade “ideológica”.

Na perspectiva de análise dos contos “Teoria do Medalhão e O Espelho”, verifica-se um narrador externo à narrativa que expõe os fatos, como dito anteriormente, para expandir um fragmento da realidade. Ambos os narradores utilizam a encenação dramática, de modo a deixar o leitor na plateia para observar os personagens atuando, este tipo de narrador é explicado por Lígia Chiappini:

> Agora que já se eliminou o autor e, depois, o narrador, eliminam-se os estados mentais e limita-se a informação ao que as personagens falam ou fazem, como no teatro, com breves notações de cena amarrando os diálogos. Ao leitor cabe deduzir as significações a partir dos movimentos e palavras das personagens. (CHIAPPINI, 1985, p. 59)

A citação esclarece que o narrador e autor são deixados de lado, para que a encenação ganhe espaço na narrativa, pois a presença do diálogo nessa encenação é que amarra os movimentos dos personagens. Fazendo com que o leitor fique centrado somente nos movimentos e palavras, a partir das quais conseguirá deduzir as significações.

Diante do exposto, pode-se verificar através do diálogo entre pai e filho, a valorização de uma “segunda alma”, a da “aparência”.

> Vinte e um anos, algumas apólices, um diploma, podes entrar no parlamento, na magistratura, na imprensa, na lavoura, na indústria, no comércio, nas letras ou nas artes. Mas, qualquer que seja a profissão da tua escolha, o meu desejo é que te faças grande e ilustre, ou pelo menos notável, que te levantes acima da obscuridade comum. A vida Janjão, é uma enorme loteria; os prêmios são

> poucos, os malogrados inúmeros, e com os suspiros de uma geração é que se amassam as esperanças de outra. Isto é a vida; não há planger, nem imprecar, mas aceitar as coisas integralmente, com seus ônus e percalços, glórias e desdouros, e ir por diante. (ASSIS, 2011, p. 65)

O objetivo do discurso do pai era modelar o filho para viver de acordo com a vontade da sociedade. Quando ele ressalta a importância do diploma, sendo este uma "chave" que abre todas as portas do mundo, verifica-se um aspecto de aparência, uma vez que o rapaz frequentaria todos os lugares e ocuparia os melhores ambientes, mas sempre seguindo alguns padrões existentes, por exemplo: falar pouco, ter o mínimo de ideias, um vocabulário limitado e, principalmente, reproduzir aquilo que já existia na sociedade e nada de criar ideias novas.

Nesse caso, o rapaz seguindo um modelo existente, alcançaria o título de medalhão. Ainda nessa perspectiva, um ponto relevante é a publicidade, algo que nasce da natureza humana, ou seja, sentir a falta de ser sempre visto e admirado pelo outro como se fosse um alimento da alma, em outras palavras é a vontade de ser notável, como mostra a citação a seguir:

> – Não te falei ainda dos benefícios da publicidade. A publicidade é uma dona loureira e senhoril, que tu deves requestar à força de pequenos mimos, confeitos, almofadinhas, coisas miúdas, que antes exprimem a constância do afeto do que o atrevimento e a ambição. Que d. Quixote solicite os favores dela mediante ações heroicas ou custosas, é um sestro próprio desse ilustre lunático. O verdadeiro medalhão tem outra política. *Longe de inventar um Tratado científico da criação dos carneiros*, compra um carneiro e dá-o aos amigos sob a forma de um jantar, cuja notícia não pode ser indiferente aos seus concidadãos. Uma notícia traz outra; cinco, dez, vinte vezes põe o teu nome ante os olhos do mundo. (ASSIS, 2011, p. 70)

Como dito antes, outro ponto chave da aparência é a publicidade, algo que o rapaz deve adquirir ao longo da vida, buscando ser um medalhão. A ideia da publicidade está ligada a certas características desenvolvidas pelo indivíduo para alcançá-la, no caso de Janjão era convidar amigos para banquetes, pois conseguia ser visto e admirado por todos. Diante disso, os mimos e almofadinhas são meios que Janjão deveria utilizar, para que chegasse a publicidade, o propósito do pai ao filho era desenvolver nele um espírito de cordialidade, mas tendo sempre em vista a intenção de conquistar a amizade do outro.

No que diz respeito à vida política que também faria parte da rotina de Janjão, era importante apenas não ser "inovador":

> Toda a questão é não infringir as regras e obrigações capitais. Podes pertencer a qualquer partido, liberal ou conservador, republicano ou ultramontano, com a cláusula única de não ligar nenhuma ideia especial a esses vocábulos, e reconhecer-lhe somente a utilidade. (ASSIS, 2011, p. 72)

O pai de Janjão explica que o filho deve se reservar e não infringir as ideias "capitais". O que se observa é que o rapaz deveria se envolver com algum partido, mas não expor ideias novas ou contrárias as já existentes. A intenção é seguir o que os partidos políticos pregam. Além disso, ele nunca deveria escolher um lado, mas ficar próximo daqueles bem vistos.

Todo o discurso do pai em mostrar ao filho como deve viver socialmente e levar em consideração sempre a visão do outro, reforça o que os críticos de Machado explicaram antes: a ideia da segunda alma. A noção de viver por aparência faria o rapaz ser medalhão:

> __ Não é, como podes supor, em limite arbitrário, filho do puro capricho; é a data normal do fenômeno. Geralmente, o verdadeiro medalhão começa a manifestar-se entre os 45 e cinquenta anos, conquanto alguns exemplos se deem entre os 55 anos e os sessenta; mas estes são raros. (ASSIS, 2011, p. 66)

A intenção do pai é fazer o filho ser um medalhão, pois é um título ou recompensa que o rapaz ao chegar a velhice ganharia, ou seja, teria reconhecimento social e riqueza. Mas para conseguir isto era necessário se aproximar de pessoas com status social: um político, alguém que tivesse uma boa publicidade, frequentasse lugares de respeito e o parlamento.

Além disso, o rapaz deveria aproveitar todas as oportunidades para o crescimento social e se tornar um medalhão:

> Convidarás então os melhores amigos, os parentes, e se, for possível, uma ou duas pessoas de representação. Mais. Se esse dia é um dia de glória ou regozijo, não vejo que possas, decentemente, recusar um lugar à mesa aos repórteres dos jornais. (ASSIS, 2011, p. 71)

A citação mostra como o rapaz viveria essa aparência, pois é possível verificar que, além dos amigos, teria que ter duas pessoas de representação. A ideia de convidá-las era manter nas proximidades alguém importante da sociedade. O lugar dos repórteres era essencial, pois eles gravariam todos os momentos relevantes dessa reunião, expondo nos principais jornais e manchetes. Desse modo, o mais importante para o pai era ver o filho ocupar os melhores lugares, profissões e as primeiras páginas da mídia social.

O filho é advertido pelo pai em relação as conclusões que poderia tomar durante a vida social:

> (...) proíbo-te que chegues a outras conclusões que não sejam as já achadas por outros. Foge a tudo que possa cheirar a reflexão, originalidade etc. etc. __Também ao riso? __Como ao riso? __ Ficar sério, muito sério... __conforme. Tens um gênio folgazão, prazenteiro, não hás de sofreá-lo nem eliminá-lo; podes brincar e rir alguma vez. Medalhão não quer dizer melancólico. (ASSIS, 2011, p. 73)

A sociedade já possui um padrão fixo, este que não deve ser modificado, se o rapaz tomasse alguma conclusão diferente das existentes, provavelmente, teria problema com os demais indivíduos. Diante disso, era melhor fugir de coisas originais e reflexão, isto é, o rapaz deveria viver preso as convenções já criadas, caso contrário sofreria as consequências, por exemplo, ele não alcançaria o papel de medalhão tão sonhado pelo pai.

Outro elemento que exalta a segunda alma de Janjão, a qual é alimentada por elogios e reconhecimento social é o uso da linguagem:

> (...) com o seu ar pesadão e cru de substantivos desajetivados, e tu serás o adjetivo dessas orações opacas, o *odorífero* das flores, o *anilado* dos céus, o *prestimoso* dos cidadãos, o *noticioso* e *suculento* dos relatórios. E ser isso é o principal, porque o adjetivo é a alma do idioma, a sua porção idealista e metafísica. (ASSIS, 2011, p. 71-72)

A adjetivação atribuída ao rapaz mostra a importância da aparência, pois ele será o destaque na sociedade. Podemos perceber que a maioria dos indivíduos no século XIX, queria ser visto, cobiçado e até exaltado pelos demais. A ideia era alimentar o próprio ego da segunda alma com a opinião e visão do outro.

A partir da análise do conto “Teoria do Medalhão” é possível fazer um paralelo da aparência com o conto “O Espelho”. Aqui o narrador interrompe uma história que se inicia sobre metafísica para iniciar a história de Jacobina. Podemos verificar que é uma história dentro de outra; além disso, compreendemos que o personagem não discute assuntos filosóficos, porque ele considera o ato de filosofar inútil, então resolve relatar sua própria experiência de vida, destacando a aparência e essa “segunda alma” que decorre dela.

A ideia de segunda alma tem relação com aquilo que uma pessoa valoriza mais, podendo ser qualquer objeto, a partir disso ela projetará uma aparência que agrada a visão do outro:

> A alma exterior pode ser um espírito, um fluído, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação. Há casos, por exemplo, em que um simples botão de camisa é a alma exterior de uma pessoa __ e assim também a polca, o voltarete, um livro, uma máquina, um par de botas, uma cavatina, um tambor etc. está claro que o ofício dessa segunda alma é transmitir a vida, como a primeira; as duas completam o homem, que é, metafisicamente falando, uma laranja. [...] Shylock, por exemplo. A alma exterior daquele judeu eram seus ducados, perdê-los equivalia a morrer. (ASSIS, 2011, p. 149)

A aparência é mostrada através de exemplos que reforçam o valor da segunda alma. As vezes um simples botão de camisa pode transmitir a vida como a primeira alma, isto é, Jacobina falava de sua própria experiência como alferes. A figura dele como ser humano foi minimizada, para que a farda tivesse um valor tão alto para a sociedade. De forma geral, o alferes era a segunda alma, de modo que a ausência dela o tornaria "invisível" aos olhos do outro.

Nesse trecho, podemos aplicar a analogia da fotografia como ressaltado anteriormente pelos críticos, destacando que Machado fotografou um aspecto da sociedade e expandiu para o todo, por exemplo, a farda simbolizava no contexto do século XIX, um dos elementos da aparência, os indivíduos sentiam-se preenchidos, quando aceitavam a opinião e visão do outro.

O personagem Jacobina recebeu um tratamento especial, pois o alferes tinha criado outro homem, o qual todos respeitavam e admiravam, até sua tia Marcolina resolveu bajulá-lo, "Na mesa tinha eu o melhor lugar, e era o primeiro servido. Não imaginam" (ASSIS, 1882, p. 151). Verificamos a crítica de Machado, quando revela a importância que os indivíduos atribuem a coisas tidas como passageiras na vida.

Diante desse tratamento que modificou todo o comportamento de Jacobina, a noção de homem se alterou ou ficou esquecida:

> __ O alferes eliminou o homem. Durante alguns dias as duas naturezas equilibraram-se; mas não tardou que a primitiva cedesse à outra; ficou-me uma parte mínima de humanidade. Aconteceu então que a alma exterior, que era dantes o sol, o ar, o campo, os olhos das moças, mudou de natureza, e passou a ser a cortesia e os rapapés da casa, tudo o que me falava do posto, nada do que me falava do homem. A única parte do cidadão que ficou comigo foi aquela que entendia com o exercício da patente; a outra dispersou-se no ar e no passado. (ASSIS, 2011, p. 152)

A segunda alma projetou uma outra vida a Jacobina, porque a atenção dos outros o fazia viver. A primeira alma se dissipou aos poucos e cedeu lugar a farda que era a fonte de alimentação do próprio eu. A farda se tornou a cortesia, isto é, o assunto discutido em casa ou com amigos que centravam num único elemento, o posto de alferes. Esta segunda alma modificou o personagem por completo, sobretudo, a minimização da primeira alma; percebe-

se aqui como a aparência influencia a vida de qualquer indivíduo que busca ter um reconhecimento social e admiração popular.

Esta admiração e aparência explicada por Jacobina, pode ser comparada às classes dominantes do século, XIX, que importavam tudo da Europa e queriam ser uma burguesia liberal no Brasil. A classe dominante vivia por aparência, uma vez que não tinha condições econômicas para viver como a classe rica da Europa.

O personagem tinha sonhos que alimentava ainda mais a segunda alma, pois só o posto de alferes não era suficiente:

> Nos sonhos, fardava-me, orgulhosamente, no meio da família e dos amigos, que me elogiavam o garbo, que me chamavam alferes; vinha um amigo de nossa casa, e prometia-me o posto de tenente, outro o de capitão ou major; e tudo isso fazia-me viver. (ASSIS, 2011, p. 155)

A citação exemplifica que o personagem até nos sonhos sentia a necessidade da aparência, pois era o único elemento levado em consideração por amigos e familiares. Nesse caso, as propostas surgiam, principalmente, por meio dos amigos que prometiam outros postos ao Jacobina. Observa-se que a vida dele estava exclusivamente na farda, mas esta necessitava de outros postos para manter a aparência, isto é, a visão do outro sempre prevalecendo.

Quando o alferes vivia todos os momentos de idolatria e publicidade com atenção de amigos e familiares, houve um tipo de reviravolta, pois o personagem ao mudar-se para um sítio, encontra-se sozinho e começa a refletir sobre sua segunda alma:

> Lembrou-me de vestir a farda de alferes. Vesti-a, aprontei-me de todo; e, como estava defronte do espelho, levantei os olhos, e... não lhes digo nada; o vidro reproduziu então a figura integral; nenhuma linha de menos, nenhum contorno diverso; era eu mesmo, o alferes, que achava, enfim, a alma exterior. (ASSIS, 2011, p. 156)

O espelho era única projeção que ele tinha da visão do outro, pois, ao se ver, alimentava sua alma exterior.

A atitude de Jacobina pode ser comparada com as características de algumas pessoas que estão presentes na sociedade, porque existem diversos indivíduos que ocupam um posto de nível social, e isso é comparado aos políticos, chefes do exército, alguns juízes entre outros, que utilizam um objeto para ser admirado por todos.

Mediante a história de Jacobina, podemos perceber que a aparência tem um poder influenciador, o qual modifica os comportamentos dos indivíduos. A vida de Jacobina é igual a qualquer outra pessoa que coloca em primeiro lugar um objeto e passa a viver por ele:

> Daí em diante, fui outro. Cada dia, a uma curta hora, vestia-me de alferes, e sentava-me diante do espelho, lendo, olhando, meditando; no fim de duas, três horas, despia-me outra vez. Com este regime pude atravessar mais seis dias de solidão. (ASSIS, 2011, p. 157)

Todos os dias o alferes tinha que se olhar no espelho para alimentar a segunda alma, aquilo se tornou o olhar do "outro". Ele ficou, praticamente, escravo dessa aparência, talvez seja essa a sensação de indivíduos que vivem dela. Fazendo uma possível comparação com a realidade, esta aparência se acaba junto com a matéria, quando o indivíduo morre.

A ideia do universo fechado como explicou o crítico Cortázar é percebível com mais ênfase no conto "O Espelho". A narrativa deste conto se desdobra dentro de outra história, fazendo todas as encenações acontecerem dentro de uma linearidade, num determinado círculo, em que a história obedece a estrutura dita antes pelos teóricos. Isto acontece, quando a narrativa moderna tem o propósito de apontar um fato social e em seguida criticá-la, nesse caso a crítica está única e exclusivamente na farda do alferes a qual é a segunda alma que expõem o viver pela aparência.

Considerações finais

O conto é um texto breve que apresenta os elementos internos da narrativa de forma condensada. Com a leitura de diversos teóricos que abordaram de forma crítica e detalhada a definição de conto, ressaltando a importância deste gênero literário para o século XIX, notamos que não poderíamos deixar de lado um escritor consagrado da literatura brasileira, especificamente, deste período, Machado de Assis, para mostrar um exemplo de conto bem estruturado.

Ainda nessa visão geral da característica do conto, outro elemento é o enigma que faz parte do universo fechado do gênero literário. Este elemento tão bem trabalhado por Machado de Assis em alguns contos, pois o leitor atento é capaz de descobrir e examinar o mistério em suas narrativas.

Desse modo, o conto por ser curto necessita de concisão e objetividade, pois o excesso de descrição pode levar o leitor para outros caminhos que não seja a ideia central abordada na narrativa.

O conto além de breve é caracterizado por fotografar um aspecto da sociedade e expandir para uma verdade universal. Esta ideia é bem trabalhada por Machado de Assis em todos os contos, ou seja, sempre registrar um fragmento da realidade e elaborar uma crítica de forma universal.

Na análise dos contos "Teoria do Medalhão" e "O Espelho" podemos verificar quando Machado fotografa da sociedade do século XIX um problema central que talvez apareça em todos os outros contos: a vida das aparências.

Havia uma contradição na sociedade brasileira: uma classe dominante atrasada que acreditava viver uma "minieuropa" no Brasil. Utilizando de um comportamento totalmente falso para ser visto pelos outros e alimentar o que Machado denominou de "segunda alma".

Na falta de liberdade verdadeira, financeira e espiritual, o homem torna-se egoísta e se transforma em simples objeto na sociedade. Buscando viver às maneiras dos detentores do poder, por exemplo, no conto a "Teoria do Medalhão" em que um rapaz omite sua própria identidade para viver de acordo com os padrões que a sociedade disponibiliza.

No conto "O Espelho", o homem é novamente objeto na sociedade, pois Jacobina expressava o que realmente era importante ao público: o posto de alferes, especificamente, a farda que o representa.

Por isso, ambas narrativas apresentaram de forma coesa e objetiva a temática principal, a aparência, que Machado de Assis, dentro de um universo fechado, conseguiu fotografar da sociedade e expandiu para o universal.

Desse modo, a definição de conto elaborada pelos críticos que estudaram o estilo machadiano, assim como todos os aspectos ressaltados por eles é comprovada na análise dos contos. Além do mais, a temática da aparência que se manifesta como alimento de uma segunda alma é algo relevante para qualquer leitor em qualquer época, já que até hoje podemos relacioná-lo com a realidade social.

Referências Bibliográficas

ARISTÓTELES, HORÁCIO e LONGINO. **A Poética Clássica.** Tradução de Jaime Bruna, 3. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1998.

ASSIS, Machado de. **Papéis Avulsos**. ed. especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. 4. ed. São Paulo: Ouro Sobre Azul, 2004.

CORTÁZAR, Júlio. **Valise de Cronópio**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

GOTLIB, Nádia Batella. **Teoria do Conto.** São Paulo: Ática, 1985.

LEITE, Lígia Chiappini. **O foco narrativo**. São Paulo: Ática, 1985.

MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. "Leitura Suplementar: Machado de Assis". In: ASSIS, Machado. **A supremacia do Conto – Edição comentada de Papéis Avulsos**. Coleção Oficina Literária. São Paulo: Selinunte Editora, 1994.

RIBEIRO, Luis Felipe. "Machado de Assis: um contista desconhecido. " In: **Machado de Assis em linha**, revista eletrônica da Casa de Rui Barbosa (http://www.machadodeassis.net), Volume I, junho de 2008.

SCHWARZ, Roberto. **Ao Vencedor as Batatas**. 34. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2000.